

## **A APARÊNCIA INSTITUCIONALIZADA: IMAGENS DO CORPO NAS REVISTAS DO CONFEF**

*Prof. Carlos Rogério Ladislau*

Mestre em Educação Física – Unicamp

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

*Prof. Idaiane Maria Pires*

Graduada em Educação Física - Unimontes

### **RESUMO**

*Como componente de uma dada sociedade, o corpo introjeta e externaliza uma conjunção ético-estética, revelando/desvelando discursos e concepções dos sujeitos que desfilam nesse reino de aparências sorrateiramente emblemáticas dos tempos que enunciam. É nesse sentido que o presente estudo tensiona as imagens de corpos presentes na Revista “E.F. – Órgão Oficial do CONFEF”, indagando-as sobre seus significados e representações no contexto brasileiro.*

### **ABSTRACT**

*AS component of one society, the body puts inside and puts outside an ethical-aesthetic conjunction, disclosing speeches and conceptions of the citizens that parade in this kingdom of emblematic appearances of the times that they enunciate. It is in this direction that the present study pressures the images of bodies gifts in Magazine “E.F. – Órgão Oficial do CONFEF”, inquiring them on its meanings and representations in the brazilian context.*

### **RESUMEN**

*Como integrant de una sociedad, el cuerpo põe para el interior y para el exterior una conjunción ético-estética, divulgando a los discursos y a los conceptos de los ciudadanos que desfilan en este reino de los aspectos representantes de los tiempos que declaran. Es en esta dirección que el actual estudio ejerce presión sobre las imágenes de los cuerpos presentes en el compartimiento “E.F. – Órgão Oficial do CONFEF”, investigándolo en sus significados y representaciones en el contexto brasileño.*

### **NOTAS INTRODUTÓRIAS: UM POUCO DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

O corpo é um território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtudes infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, esconde-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual<sup>1</sup>.

Pensar o corpo como um conceito cultural é compreendê-lo situado no tempo onde vive. É percebê-lo não apenas vinculado à sua natureza biológica, mas construído também na e pela cultura. É perceber sua provisoriedade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo. É, sobretudo, entender que sua construção é

---

<sup>1</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível Realizar uma Historia do Corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo E Historia**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001. cap. 1.

constantemente atravessada por diferentes marcadores sociais como raça, gênero, geração, classe social e sexualidade.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno, é um sem-limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são as semelhanças biológicas que o definem, mas, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Os corpos são educados por toda uma realidade que os envolve, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra com muitos significados, não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem<sup>2</sup>.

A educação física é herdeira de uma tradição científica e política que privilegia a ordem e a hierarquia. Desde sua denominação inicial de ginástica, a hoje chamada Educação Física foi e é interpretada como um importante modelo de educação corporal que completa o discurso do poder.

Por meio da educação física, o corpo, que antes era moldado pela couraça de ferro ou de pano, ganha autonomia: ele será chamado a fazer a obra da modelagem a partir de suas forças internas. Endurecer o corpo e suas fibras por meio da ginástica exprime a vontade de produzir um organismo resistente e saudável, capaz de combater a indisciplina<sup>3</sup>.

Para a ginástica / educação física do século XIX e XX, o corpo foi compreendido como lugar das mais distintas manipulações produzidas a partir de uma racionalidade dada pela máquina. Passa assim, a ser visto como produtor e consumidor de energia. Daí as preocupações com a economia de gestos, economia de energia do século XIX e com o desejo compulsivo de gastar energia na atualidade. Se no século XIX, no apogeu da ascensão da ginástica, o corpo devia ser educado para economizar energia e movimento, hoje é educado para gastar energia em excesso, para manter-se em forma por uma norma pré-determinada do que é boa-forma<sup>4</sup>.

A educação física tece dentro do seu reduzido espaço, uma compreensão de corpo como santuário do músculo, como emblema da cultura da aparência regulada por um ciclo de absorção e eliminação, tanto orgânica quanto econômica.

Praticar uma atividade física hoje é quase uma religião. É também um ato de sacrifício disfarçado de alegria obrigatória. Talvez a educação física necessite refletir sobre sua aprovação cega a modismos do mercado. Sobre sua ingenuidade e omissão frente a indústria do corpo.

## **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA PARA O CORPO: LINHAS E ENTRELINHAS DO CONFED**

O Conselho Federal de Educação Física - CONFED, e os Conselhos Regionais de Educação Física - CREFs, são instituições de direito público, criadas pela Lei Federal nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, com personalidade jurídica e autonomia administrativa, financeira e patrimonial, organizadas de forma federativa como Sistema CONFED/CREFs. Tem poder delegado para normatizar, orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício das atividades próprias dos Profissionais de Educação Física e de pessoas jurídicas, cuja finalidade básica seja a prestação de serviços nas áreas das atividades

<sup>2</sup> SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, Conhecimento E Educação: Notas Esparsas. In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo E História**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001. cap. 6.

<sup>3</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. **Cadernos de Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade do Programa de Estudos Pós Graduações em Psicologia Clínica da PUC-SP**, São Paulo, v.1, n.1.p.243-266, 1993.

<sup>4</sup> SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, Conhecimento E Educação: Notas Esparsas. In: SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo E História**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001. cap. 6.

físicas, desportivas e similares, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial, e personalidade jurídica distinta entre si e seus registrados<sup>5</sup>.

Na estrutura organizacional do CONFEF, existem vários Órgãos e Comissões. Destas últimas, uma delas interessa em especial a este estudo: a Comissão de Documentação e Informação, à qual compete, dentre outras coisas, constituir-se na Rede Central de divulgação, informação e difusão do Sistema CONFEF/CREFs e das questões de interesse dos Profissionais bem como das pessoas jurídicas vinculadas ao mesmo. Dentre as atribuições específicas dessa comissão, está a edição da revista “E.F. – Órgão Oficial do CONFEF”, a fonte dos dados analisados neste estudo.

O órgão oficial de divulgação do CONFEF, inicialmente denominado “Revista do CONFEF”, teve sua primeira edição lançada em dezembro de 2001. Já na sua segunda edição, passou a ser chamado “E.F – Órgão oficial do CONFEF”. Segundo seus próprios editoriais, a revista nasceu para substituir o jornal do CONFEF, com o propósito de ser o meio de divulgação impresso das ações do sistema, veículo aberto e dinâmico para que os profissionais possam manifestar suas opiniões, observações, sugestões, ou aplausos, além de apresentar textos, trabalhos, artigos e matérias. A revista circula abordando os temas de interesse dos profissionais de Educação Física e da comunidade da área. É por considerar tais propósitos que este estudo se lança na perspectiva de indagar o conteúdo latente das imagens de corpo veiculadas pelas revistas “EF – Órgão Oficial do CONFEF”.

## **PERSCRUTANDO AS INTENÇÕES: O OLHAR METODOLÓGICO**

A revista “E.F. Órgão Oficial do CONFEF” é veiculada bimestralmente, tendo em seu conselho editorial autores de vários campos da Educação Física brasileira. Desde a criação da revista, foram veiculadas 19 edições, das quais todas foram utilizadas no presente trabalho à exceção da de número 09, à qual não tivemos acesso mesmo após insistente contato com as secretarias do CREF 06-MG e do CONFEF. Entretanto, a partir da análise dos 18 números restantes e da constatação da regularidade do perfil das imagens, é possível crer que esse único número não acessado em nada compromete o teor das considerações realizadas no presente estudo.

Para serem consideradas nesta pesquisa, as imagens das revistas foram submetidas a alguns crivos: analisamos somente as imagens que continham corpos praticando atividade física, posto que a revista contém grande número de fotos de pessoas em situações formais, comumente ligadas a eventos; excluimos imagens personalizadas, ou seja, aquelas cujos sujeitos constituíam o próprio tema da reportagem ou eram nela citados; excluimos também as matérias assinadas, visto que as imagens nelas veiculadas poderiam ter sido aí inseridas por opção do autor da mesma, e não por iniciativa dos editores da revista; e analisamos somente fotografias, uma vez que a intenção do estudo englobava somente dados visuais da realidade concreta, cuja representação não é necessariamente acatada na arte do desenho.

Para analisar as imagens do corpo presentes nas revistas E.F. – Órgão Oficial do CONFEF, foram adotadas categorias de identificação dos elementos nos materiais visuais, uma vez que, como lembram Bauer e Gaskell<sup>6</sup>, as pesquisas qualitativas utilizando imagens podem também ser feitas utilizando elementos sistemáticos. Assim, as categorias de identificação definidas para o presente estudo foram: Qual o contexto da imagem? Qual

---

<sup>5</sup> CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Estatuto do conselho federal de Educação Física. Resolução. Disponível em: <<http://www.confef.com.br>>. Acesso em 09 abril 2006.

<sup>6</sup> BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. 3 ed. Petrópolis – RJ : Vozes, 2004.

o seu plano de fundo? O que essa ambientação sugere? O que ela “impõe” àquele corpo? Quais os ícones presentes na imagem além do corpo? Qual a vestimenta? Quais os acessórios? Quais os equipamentos? Que tipo de apropriação é feita desses ícones? O sujeito os domina ou eles dominam o sujeito? Qual é a conformação do corpo na imagem? São robustos? São esguios? São “reais” ou simulacros? Quem representa? Qual é a gestualidade sugerida? O que está ausente na imagem? O que não aparece no/do corpo? O que ele (o corpo) esconde?

## PERSCRUTANDO AS IMAGENS

Nos dias atuais, o jogo das aparências é um elemento decisivo na determinação de percepções e comportamentos. Perante a (re)afirmação intersticial de uma aura estética, reinam a forma e suas incorporações, fazendo ver no jogo da aparência a exibição do corpo em uma teatralidade contínua e onipresente<sup>7</sup>. Nessa perspectiva, o corpo é decisivo porque é ele que está presente, ocupando espaço e engendrando comunicação.

Entretanto, observar o corpo (os corpos?) é também observar a realidade daquele corpo, uma vez que ele (o corpo) materializa, em si, uma perspectiva de mundo, de sociedade, de homem. Como componente dessa sociedade, o corpo introjeta e externaliza uma conjunção ético-estética, revelando/desvelando discursos e concepções dos sujeitos que desfilam nesse reino de aparências sorrateiramente emblemáticas dos tempos que representam.

Assim, o corpo torna-se vetor, pois institui imagens que o ultrapassam no sentido e no significado. Daí a necessidade de compreendê-lo não apenas como materialidade do sujeito, mas daquilo que esse sujeito conforma na dinâmica social. Por isso, pensar o corpo institucionalizado pelo CONFEF se reveste de importância: trata-se da entidade que representa (ou deveria representar) a percepção da categoria de profissionais que se dedica ao corpo, às suas formas e desempenhos, certamente aspectos também tradutores de dado projeto de sociedade.

Na análise das imagens das revistas do CONFEF, o primeiro aspecto que chama a atenção refere-se ao contexto que circundam os corpos ali presentes. Trata-se de buscar identificar e compreender o “plano” que detém o corpo, discutindo o que tal ambientação sugere ou impõe àquela atitude corporal. Nessa perspectiva, é possível identificar nos contextos das diversas fotos uma ambientação artificial, limpa, higiênica, quase asséptica. Trata-se de aspectos que não encontram correlatos no cotidiano da maior parte da sociedade brasileira, pois traduzem possibilidades sócio-econômicas que estão deveras além daquelas ao alcance dos sujeitos comuns, majoritários, que caminham pela realidade. Assim são as quadras, piscinas, academias, palcos e campos que aparecem nas imagens: límpidos. Mesmo quando o corpo aparece envolto por ambientes naturais, a produção da imagem artificializa o espaço, dando-lhe a mesma carga de transparência e limpidez. Tais imagens seduzem e enganam por seu conteúdo latente: sugerem espaços agradáveis, aprazíveis, escamoteando a lógica que determina a exclusão de muitos em função da propriedade/usufruto desse espaço por poucos.

Outro dado interessante é a institucionalização do espaço. À exceção de duas imagens em cada qual um casal corre pela praia, todas as outras imagens mostram corpos desfilando em espaços genuinamente voltados para a prática esportiva ou de exercícios físicos, fazendo crer, pela diluição de suas nuances, que a atividade física deva ser também institucionalizada.

---

<sup>7</sup> MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

Tal idéia é perfeitamente compreensível se considerarmos tratar-se do órgão de divulgação dos profissionais de Educação Física, para os quais a institucionalização da atividade física muito interessa. Entretanto, seria pelo menos precipitação defender aqui essa postura num contexto em que tantas incertezas ainda pairam sobre a intervenção dessa categoria. Talvez fosse o momento de pretermos essa institucionalização formal por outra, baseada numa intervenção legítima e concatenada com o papel social esperado do profissional de Educação Física.

Essa reflexão é deveras relevante, uma vez que a partir dela é possível compreender algumas intenções subjacentes traduzidas pelo contexto das imagens que ora são veiculadas na Revista em questão.

Outro ponto de análise aqui empregado diz respeito aos ícones presentes nas imagens. Busca-se olhar e compreender as vestimentas, os acessórios, os equipamentos, analisando o que estes ícones mostram em relação aos corpos veiculados na Revista. Quanto às vestimentas, é possível identificar o uso de trajes esportivos ou próprios da prática de atividade física. Perfeitamente ajustados aos corpos, são tão assépticos quanto o ambiente em que se encontram. As grifes não são vistas nas etiquetas, mas no estilo.

Nesse sentido, pensamos poder imaginar a roupa atual (ou as roupas atuais) como aquela que ora prende ora liberta o corpo, ora o esconde, ora o revela. Pensamos nas roupas com enchimentos que aumentam “bumbuns e seios” e nas de listas verticais que “esvaziam quadris”; pensamos na roupa que ostenta uma posição social (ternos, tallers, etc) e pensamos também na roupa que revela um corpo, ele próprio ostentador de uma posição na sociedade. Independente da situação é possível localizar, entretanto, um eixo comum em torno do qual giram todos os usos e significados da vestimenta: a lógica da aparência.

As vestimentas que envolvem os corpos que passeiam/posam na Revista do CONFEF tem esse caráter: de revelar o que se quer destacar e esconder aquilo que não convém mostrar, trazendo um apelo discreto porém bem demarcado de corpo perfeito.

Mas a roupa também tem sentido na sua ausência: há imagens que trazem, não sem intenção, partes do corpo descobertas: pernas, braços, dorsos e abdomens, fragmentos sempre “ultra definidos” que materializam o desejo de homens e mulheres nessa sociedade narcisista. É nesse contexto que se encaixam dois rapazes, protagonizando aluno e professor durante a execução assistida de um exercício abdominal<sup>8</sup>. Obviamente, ambos “esbanjam” músculos devidamente demarcados pela luz que preenche a foto. A ausência de algumas vestimentas nessa imagem é, obviamente, proposital, pois revela o que não deveria esconder: contornos obtidos com muito esforço, ainda que esse não tenha sido, necessariamente, muscular...

Observando ainda as roupas, na consideração de todas as imagens analisadas, há apenas uma exceção para esse desnudamento: trata-se de uma imagem que retrata uma avaliação física<sup>9</sup>. O avaliado, de tronco desnudo, tem corpo factual, comum, que provavelmente estaria coberto se não fosse a especificidade do contexto da foto: o corpo aqui é descoberto não por ostentação das formas, mas para cumprimento da função: na avaliação física, o corpo é perscrutado, portanto deve permanecer “à mostra”.

Para além da vestimenta, pensar os acessórios numa imagem também constitui atitude reveladora. Faria parte da cultura brasileira correr pela praia trajando agasalhos e segurando halteres nas mãos? É representativa de nossa velhice tanta “saúde”? Pois é esse o contexto de uma imagem em que um casal de idosos corre pela praia<sup>10</sup>: agasalhos, tênis, sorrisos, halteres. Halteres? Sim, halteres. Essa imagem é, de fato, brasileira? É de fato, de brasileiros? É do Brasil? Ou estaríamos falando da importação de imagens

---

<sup>8</sup> Cf. Revista E.F. – CONFEF - Ano 4, n° 14, Dezembro 2004, p.32.

<sup>9</sup> Cf. Revista E.F. – CONFEF - Ano 2, n° 04, Setembro 2002, p. 04.

<sup>10</sup> Cf. Revista E.F. – CONFEF - Ano 2, especial, outubro 2003. p.13.

descontextualizadas? Se sim, é estranho que dois idosos de tão longe venham passear pelas páginas de uma revista institucional, órgão oficial de um Conselho “Federal”...

Os corpos mostrados levam a sonhar e almejar por mudanças, transformações da nossa própria realidade. Queremos ser desejados, tanto quanto os corpos das imagens veiculadas. Imagens de corpos esbeltos, atléticos, por inteiro ou “aos pedaços”: troncos de homens, pernas de mulheres, perfis, sorrisos. Imagens que se comunicam conosco, que nos “observam”, que nos convidam a participar do seu mundo, numa atraente sessão de musculação<sup>11</sup>. Qual a conformação dos corpos que compõem essa imagem? Na masculinidade, são altos, fortes, robustos. Na feminilidade, são esguios, definidos, belos. Resta perguntar onde são encontrados tais corpos. Afinal, uma pequena parcela da população pode ocupar esses lugares destinados à produção da beleza. Cabe, então, indagar onde estão os “feios” da história...

A indústria da aparência, com grande espaço nos meios de comunicação de massa, tem influenciado grande parte da população na busca por corpos esteticamente perfeitos, seguindo os ditames de beleza vigentes. Homens e mulheres seguem um padrão: corpos esguios, músculos à mostra, abdomens “sarados”, seios e glúteos “avantajados” e bem desenhados<sup>12</sup>.

Na sociedade de consumo, onde a aparência é um elemento central, os indivíduos são conduzidos a consumir estas normas sociais de diversas formas, entre elas através da adequação do seu corpo aos padrões corporais que são disseminados via meios de comunicação de massa, tendo como referência diversos modelos, entre os quais as pessoas que estão em destaque nesta mesma sociedade (atores, atrizes, cantores, etc.). Apropriados pela indústria cultural, os corpos, adaptados a estes modelos, adquirem um valor de troca relativo à sua capacidade (maior ou menor) de associar-se às imagens de juventude, saúde, boa forma e beleza<sup>13</sup>.

Cada modificação corporal tem um significado próprio, de acordo com os sentidos construídos pelas múltiplas referências presentes nas instituições, das quais destacamos a mídia. As imagens da mídia constroem, desconstróem ou reconstróem os sentidos e os significados sobre o corpo e as possibilidades de modificação que possui. Viver numa sociedade onde essas imagens têm cada vez mais autoridade junto aos indivíduos nos leva a questionar as concepções de corpo que divulgam, entre elas, a concepção do corpo narcísico. O corpo-espelho, o corpo narcísico, presença abundante nas imagens da mídia é uma concepção de corpo construída, principalmente, pelas imagens do corpo modificado que evoca<sup>14</sup>.

Imaginemos o ato de esculpir o próprio corpo ou o corpo do outro, como se faz nas academias através da prática de atividades físicas ou mesmo com a utilização de recursos “artificiais” como cirurgias, próteses etc. Essa obra de arte, ou seja, essa escultura, é constituída a partir de quais objetivos? A resposta parece clara... O que vemos hoje é uma tentativa em larga escala de “liberar” o corpo das mais diversas coações: religiosas, geográficas, morais, genéticas etc. Reconstruí-lo a partir das múltiplas possibilidades de

---

<sup>11</sup> Cf. Revista E.F. CONFEEF - Ano 2, especial, outubro 2003, contracapa.

<sup>12</sup> KLEIN, Rafaela. A Ditadura da Televisão e a Padronização Estética no Culto ao Corpo. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14; 2005, Porto Alegre – RS. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

<sup>13</sup> STINGGER, Marcos Paulo; et al. A produção do corpo: uma interpretação do caso Juliana Borges, a partir da sua repercussão na imprensa. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

<sup>14</sup> DANTAS, Eduardo Ribeiro. O corpo Modificado, os discursos da mídia e a educação Multirreferencial. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

intervenção, com o auxílio dos avanços da biotecnologia, tem representado para muitos uma possibilidade de “liberação” dessas coações<sup>15</sup>.

Toda sociedade elabora um conjunto de códigos, símbolos, leis e preceitos que expressam um certo "ideal", que norteia as expectativas e aspirações a serem vividas pelos seus membros. Assim, formulam concepções idealizadas de homens e de mulheres, de sociedade e de corpos. Quando esse ideal é correspondido pelos indivíduos, tal fato marca sua plenitude de status, sua amplitude de participação e aceitação na sociedade, passando a se identificar completamente com esses ideais. Isso o define perante a sociedade a qual pertence. É no contexto da produção de bens, materiais e simbólicos, como também de serviços, que percebemos como o corpo (e os acessórios, adereços e fantasias que o acompanham) tem sido veiculado, estando em evidência como nunca, anunciando todo e qualquer produto, ao mesmo tempo em que se confunde como o próprio produto. A plasticidade dos corpos, sendo responsável pela adaptação e diferenciação dos seres vivos, como processo que possibilita interagir e intervir no meio circundante, tem assumido, nos dias atuais, a denotação de simulacro plástico, mediante o qual o corpo do indivíduo precisa diferenciar-se da própria realidade e principalmente, dos outros corpos<sup>16</sup>.

Essas relações entre corpo, consumo e exibição constituem-se no vitaminado ingerido por milhões de jovens, onde o que “permanece refratário ao ‘direito de exposição’, ao ‘direito de virar publicidade’ e ‘imagem de marca’ carece de sentido”. Essa falta de sentido acaba sendo expressa pela constante e insaciável necessidade de consumir mais, de estar a todo o momento pronto para ser "fotogênico", para agradar a si mesmo e aos outros. Há uma enorme preocupação com a aparência, simulando a todo instante, que a vida é somente felicidade, beleza e imagem plástica<sup>17</sup>.

Nesse sentido, as diferentes identidades são construídas e negociadas passando hoje pelo corpo. São associadas ao consumo, alimentando um mercado milionário que cresce incrivelmente a cada dia, junto com a obsessão pelo corpo belo, malhado, magro, saudável.

Quanto aos “feios”, passeiam por aí em outras revistas. Os obesos, também ignorados pela mídia, acabam por constituir um parcela “invisível” da população, que só é lembrada para coagir os demais quanto aos perigos dos maus hábitos de vida. As imagens de obesos, cuja ausência cede espaço a imagens de corpos esbeltos, tensionam o espectador e o mantêm sob controle. Emagrecer hoje parece ser uma das grandes preocupações da humanidade. A sombra da obesidade e a idéia de um corpo "disforme" parecem pesar tanto quanto a consciência daquele que come. O preconceito com o gordo é muito grande: Vivemos em um mundo feito para magros. O apelo da mídia valoriza somente o esguio, o que influência sobremaneira a sociedade. Até mesmo as crianças tem vergonha de mostrar o corpo quando estão “gordinhas”: sentem-se mal e se escondem, localizando-se longe dos modelos de beleza. E o peso é tanto maior quanto for a ausência de exercício, que ocupa, na atualidade, um lugar de destaque entre as demandas as serem assistidas pelo Poder Público e pela categoria dos profissionais de Educação Física, socialmente referidos como os profissionais do movimento.

---

<sup>15</sup> RONDELLI, Rita de Cássia Fernandes. Um olhar sobre o corpo, poder e resistência a partir de Foucault. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

<sup>16</sup> ANDRADE, Roger Vital França; JANATA, Natacha Eugenia. Plasticidade, plástico e plásticas: Por onde anda o corpo? In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

<sup>17</sup> SANT'ANNA, 2001 citado por ANDRADE, Roger Vital França; JANATA, Natacha Eugenia. Plasticidade, plástico e plásticas: Por onde anda o corpo? In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

Não é à toa, portanto, que na Revista E.F. CONFEF, a gestualidade presente nas imagens sugere sempre ação, mesmo quando os corpos estão parados. A referência à atividade física e aos esportes é forte, mas não tanto como o são, no simbolismo da imagem, os corpos que protagonizam a cena. No movimento, revelam-se ágeis, vigorosos, flexíveis. São corpos vitoriosos, titulares na seleção social que reflete as desigualdades da realidade em que vivemos<sup>18</sup>.

Entretanto, em algumas imagens, o corpo se contradiz: envolto numa aura de eficiência e produtividade quase tayloriana, o movimento reverbera em imagens de uma gestualidade artificial, captada especialmente para atrair os olhares e o interesse daqueles que manejam a revista. Gestos sincronizados, precisos, mecânicos, organicamente desafinados com a sinfonia cambaleante da vida<sup>19</sup>. É isso que as imagens mostram.

Contudo, a análise de um conjunto de imagens não pode ater-se apenas ao que elas mostram; há que se pensar também, no que as imagens escondem. Uma visualização breve das imagens das Revistas E.F. CONFEF permite perceber a ausência de ambientes reais, situações reais, pessoas reais, ações reais... Parece estranho como não se vêem salões de academia, pátios de escolas ou campos de várzea tomados por pessoas comuns, suores à mostra, comunicação... Igualmente estranho é que as roupas sejam tão limpas mesmo quando crianças jogam bola num campo de futebol... Na análise das imagens, é possível perceber a ausência da realidade.

As impressões que ficam após um passeio pelas imagens dos corpos presentes na Revista E.F. CONFEF impõe uma questão: por onde andariam os corpos do cidadão comum enquanto se produziam essas fotos? Talvez posassem suando em tornos mecânicos, carregando fardos nas costas, lavando o carro dos “patrões”, varrendo as ruas, atendendo balcões, ensinando a ler, arando a terra... As imagens, no seu silêncio contido, parecem gritar: esse corpo e essa Educação Física não encontram correspondentes na realidade dos milhões de brasileiros e brasileiras que “suam suas camisas” fora das academias...

O esporte e a atividade física, como direito de todos, deve assim ser veiculado: com a cara de todos, com o corpo de todos, com a alma de todos. Todos nós, brasileiros. Se assim não é, cabe talvez, e apenas talvez, uma lamentável constatação: no seu conteúdo latente, tais imagens incorporam uma intenção: para além de um darwinismo social, materializar as diferenças de um neo-higienismo para o qual “essa Educação Física”, seguindo as lições aprendidas em tempos passados, tanto tem a contribuir. Trabalhem para que assim não seja.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roger Vital França; JANATA, Natacha Eugenia. Plasticidade, plástico e plásticas: Por onde anda o corpo? In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. 3 ed. Petrópolis – RJ : Vozes, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Estatuto do conselho federal de Educação Física**. Resolução. Disponível em:<<http://www.confef.com.br>>. Acesso em 09 abril 2006.

<sup>18</sup> Cf. Revista E.F. CONFEF - Ano 1, n° 02, Março 2002, p.18.

<sup>19</sup> Cf. Revista E.F. CONFEF - Ano 4, n° 14, Dezembro 2004, p.19.



DANTAS, Eduardo Ribeiro. O corpo Modificado, os discursos da mídia e a educação Multirreferencial. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

KLEIN, Rafaela. A Ditadura da Televisão e a Padronização Estética no Culto ao Corpo. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14., 2005. Porto Alegre – RS. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

RONDELLI, Rita de Cássia Fernandes. Um olhar sobre o corpo, poder e resistência a partir de Foucault. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e Historia. **Cadernos de Subjetividade/** Núcleo de Estudos e Pesquisada Subjetividade do Programa de Estudos Pós Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, v, 1, n.1, p.243-266, 1993.

SILVA, Maria Cecília de Paula. Do corpo objeto ao sujeito histórico: o materialismo dialético histórico e a educação física. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13., 2003. Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e Historia**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001.

STINGGER, Marcos Paulo; et al. A produção do corpo: uma interpretação do caso Juliana Borges, a partir da sua repercussão na imprensa. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13; 2003, Caxambu – MG. **Anais...** São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

***Contato:***

Carlos Rogério Ladislau  
Rua Dona Libânia, 2001/51 – Centro  
13015-090 – Campinas-SP  
(19) 2121-6829  
crladislau@yahoo.com.br